

## ÁSIA

Fotos: AFP



Parlamentares da oposição fazem barricada dentro da Assembleia, enquanto militares tentam entrar no prédio. Do lado de fora, manifestantes protestam contra a ação presidencial em meio à forte policiamento

# Terremoto político abala a Coreia do Sul

Em choque com a oposição e sob a alegação de proteger o país das "forças comunistas", presidente decreta lei marcial. Parlamento derruba a medida. Em meio a protestos, Yoon Suk Yeol recua e pode ser forçado a renunciar

Num intervalo de menos de 24 horas, o presidente da Coreia do Sul, Yoon Suk Yeol, passou de protagonista de um autogolpe a alvo de um pedido de renúncia por parte da oposição. O terremoto político no país começou após Yoon, no poder desde maio de 2022, declarar lei marcial, na terça-feira à noite no horário local, em meio a uma disputa de poder com seus adversários, acusados por ele de simpatizarem com a Coreia do Norte comunista. Horas depois, sem o apoio dos governistas e com a medida barrada no Parlamento, o presidente recuou. E agora está sujeito a perder o cargo.

A atitude de Yoon, a pretexto de proteger o país de "forças comunistas", pegou os sul-coreanos de surpresa. A declaração da lei marcial ocorreu no contexto de um confronto com a oposição sobre o orçamento, após mais de dois anos de um governo marcado por baixos índices de popularidade.

"Para salvar uma Coreia do Sul liberal das ameaças representadas pelas forças comunistas da Coreia do Norte e eliminar elementos antiestatais, declaro lei marcial de emergência", assinalou Yoon Suk Yeol em um pronunciamento exibido ao vivo pela televisão.

A medida extrema, com suspensão de liberdades e adoção de legislação militar, remeteu a uma época de líderes autoritários que o país não via desde a década de 1980, e foi imediatamente denunciada pela oposição e pelo líder do próprio partido conservador de Yoon. A situação foi acompanhada "com preocupação" pelas Nações Unidas e pelos Estados Unidos.

Após o anúncio, os militares proclamaram que as sessões do parlamento e outras reuniões políticas que pudessem causar "confusão social" seriam suspensas, de acordo com a agência de notícias Yonhap da Coreia do Sul. Os militares também instaram os médicos em greve a retornarem ao trabalho em 48 horas. Advertiram que qualquer um que violar o decreto pode ser preso sem mandado.

### Resistência

As advertências não detiveram os legisladores, enquanto manifestantes ganhavam as ruas da capital, Seul. Na Assembleia Nacional, parlamentares montaram barricadas para impedir a entrada dos militares. Do lado de fora, tropas tentavam isolar o local e adentrar no prédio. Helicópteros pousaram no teto da sede do Parlamento.

AFP



Yoon durante o discurso em que declarou a situação de exceção: "Eliminar elementos antiestatais"

Centenas de pessoas começaram a se concentrar nas imediações do Parlamento por volta das 13h de Brasília, segundo imagens exibidas pela TV. "Abra a porta, por favor. Seu trabalho é proteger a Assembleia Nacional. Por que ficam parados, enquanto os deputados são pisoteados?", gritou um homem a

um grupo de policiais que guardavam as entradas do edifício. "Detenham Yoon Suk Yeol!", repetiam outros manifestantes. Um grupo de soldados entrou brevemente no Parlamento e saiu logo depois.

Enfrentando os militares, cerca de 190 deputados conseguiram entrar na Assembleia, onde

votaram por unanimidade a favor de uma moção que bloqueou a aplicação da lei marcial e pedia sua suspensão. O governista Partido do Poder do Povo classificou como "trágica" a iniciativa do presidente.

Pressionado, Yoon recuou. Em um novo discurso televisionado às 4h30 pelo horário

local (16h30 de terça-feira pelo horário de Brasília), ele anunciou que revogará a lei marcial. "A Assembleia Nacional pediu que fosse levantado o estado de emergência, e retiramos os militares que estavam em operação sob a lei marcial", disse. "Aceitaremos o pedido da Assembleia Nacional e levantaremos a lei marcial em uma reunião de gabinete", afirmou.

Para Vladimir Tikhonov, professor de estudos coreanos na Universidade de Oslo, na Noruega, a medida de Yoon de impor a lei marcial é "uma tentativa de retroceder na história", em referência à ditadura que terminou no fim da década de 1980. "Não acredito que a sociedade civil sul-coreana possa continuar reconhecendo Yoon como presidente legítimo", declarou à agência de notícias France Presse (AFP).

Além da exigência de renúncia apresentada pela oposição, o maior sindicato da Coreia do Sul, a Confederação Coreana de Sindicatos (KCTU), anunciou uma "greve geral por tempo indeterminado" até que Yoon Suk Yeol deixe o cargo. Com 1,2 milhão de membros, o KCTU acusou o presidente de tomar uma "medida irracional e antidemocrática", afirmando que ele havia "declarado o fim de seu próprio poder".

## ORIENTE MÉDIO

# Coalizão rebelde avança na Síria

Após uma ofensiva relâmpago no norte da Síria, a coalizão rebelde liderada por islamitas avançou rapidamente, ontem, para o centro do país. Em meio a apelos da comunidade internacional por uma desescalada das tensões na região, o grupo Hayat Tahrir al-Sham (HTS), à frente do movimento, intensificou a ação. Com o controle de dezenas de localidades e de grande parte de Aleppo, a segunda cidade síria mais importante, terminaram o dia, ontem, às portas de Hama, considerada central e estratégica.

As hostilidades foram retomadas no país há uma semana, após quase 14 anos de guerra civil. As forças governamentais tentam bloquear, sem sucesso, a passagem dos insurgentes, com o apoio da aviação russa. Segundo o Observatório Sírio de Direitos Humanos (OSDH), a coalizão, no fim da noite de ontem, havia conseguido entrar na quarta maior cidade do país.

A ONG indicou que os combatentes haviam bombardeado alguns bairros. Uma fonte militar

síria citada pela agência oficial Sana afirmou que "importantes reforços militares chegaram à cidade". "Confrontos violentos acontecem no norte da província". Hama está localizada na rota que conecta Aleppo com Damasco, a capital.

De acordo com o observatório, com sede no Reino Unido e que conta com uma ampla rede de fontes na Síria, os grupos insurgentes tomaram o controle de várias localidades na região. Um fotógrafo da agência France Presse (AFP) testemunhou dezenas de tanques e veículos militares do Exército sírio abandonados na estrada que segue até Hama, antes da chegada do reforço.

### "Combates ferozes"

"Avançamos para Hama depois de limpar (as localidades no caminho)", afirmou um combatente rebelde que se apresentou como Abul Huda Surani. Por sua vez, o Exército sírio citou "combates ferozes", em particular no norte da província.

Desde a quarta-feira passada,

AFP



Insurgente exhibe arma numa estrada de Suran, no caminho entre Aleppo e a cidade estratégica de Hama, a quarta maior do país

quando a mobilização rebelde ganhou o país, foram registrados mais de 600 óbitos, incluindo 104 de civis. Os combates e bombardeios no noroeste do país foram os primeiros de grande magnitude desde o ano de 2020.

Os confrontos vêm provocando ainda um forte êxodo. Até sábado, em torno de 48,5 mil pessoas, mais

da metade crianças, foram deslocadas nas regiões de Idlib e do norte de Aleppo, de acordo com o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (Ocha).

O grupo inclui milhares de curdos sírios. Na estrada Aleppo-Raqqa, no norte do território sírio, uma multidão tenta fugir das áreas controladas

pelas Forças Democráticas Sírias (FDS), dominadas pelos curdos, formando longas filas de carros, caminhonetes e motos. São famílias inteiras que tentam escapar para áreas controladas pelas Forças Democráticas Sírias (FDS), dominadas pelos curdos.

Pela primeira vez desde o início da guerra, em 2011, o regime perdeu totalmente o controle de Aleppo, onde os insurgentes, incluindo grupos apoiados pela Turquia, se posicionaram na área, com exceção dos setores do norte habitados por curdos. Rebeldes armados patrulham as ruas, perto da cidadela histórica, ou permanecem posicionados no aeroporto internacional da cidade de dois milhões de habitantes.

Em Idlib, onde aviões sírios e russos responderam à ofensiva com bombardeios, equipes de resgate trabalhavam, ontem, entre os escombros de edifícios destruídos

pelos ataques, que também atingiram o campo de refugiados de Haranabuch. "Não consigo descrever o terror que sofremos", disse Hussein Ahmar Khader, um professor que mora na região.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, afirmou estar "alarmado com a recente escalada da violência no noroeste da Síria". Ele pediu o "fim imediato das hostilidades", segundo seu porta-voz. Os Estados Unidos, que lideram uma coalizão internacional antijihadista na Síria, exortaram "todos os países" a trabalharem para uma "desescalada", assim como a União Europeia, que "condenou" os ataques russos "em áreas densamente habitadas".

O presidente sírio, Bashar al Assad, afirmou que a "escalada terrorista" tenta "redefinir o mapa regional de acordo com os interesses e objetivos dos Estados Unidos e do Ocidente".